



Machado, da Telebrasil: "Nunca ouvi falar em escuta"

SNI

Surpresas na visita

Repr Organ
ANA

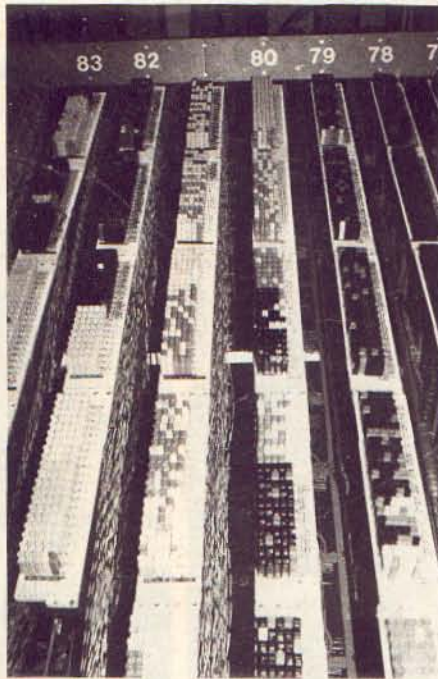
A denúncia de que a Nova República, da mesma forma que os governos do regime militar, também se utiliza do expediente da escuta e gravação telefônica, ou "grampo", pegou de surpresa os ministros das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, e Ivan de Souza Mendes, do Serviço Nacional de Informações (SNI). Na semana passada, os dois procuraram explicar por trilhas opostas as fotos dos grampos do SNI localizados no Distribuidor Geral da Telebrasil, publicadas com exclusividade na edição anterior de ISTOÉ.

O ministro Antônio Carlos Magalhães saiu na frente e garantiu que ISTOÉ confundira o grampo com os *jumps* - ligações de fios em paralelo - do Projeto Camaleão, um plano de emergência arquitetado no ano passado, cujo objetivo era garantir a comunicação entre os serviços essenciais da capital diante da possibilidade de uma greve dos trabalhadores telefônicos. O desmentido do ministro das Comunicações esbarrou em uma afirmação do próprio general Ivan de Souza Mendes, chefe do SNI. "O Plano Camaleão foi totalmente modificado depois de sua divulgação pelo *Correio Braziliense*", assegurou o general a ISTOÉ.

Diante das versões desconstruídas, ISTOÉ solicitou à Telebrás, e obteve, permissão para visitar e fotografar, na quinta-feira passada - cinco dias após a publicação da denúncia -, o Distribuidor Geral da Telebrasil. O chefe da Região Centro da Telebrasil, Wagner Machado, foi designado para acompa-

nhar os repórteres durante a visita. "Nunca ouvi falar que o SNI tenha utilizado o bloco terminal que detém no Distribuidor Geral para praticar escuta telefônica", garantiu Machado, que trabalha na Telebrasil há quinze anos. "O SNI é apenas um cliente, como tantos outros."

A visita, porém, reservaria algumas surpresas a Machado. Em frente ao painel do Distribuidor Geral, Machado insistiu para que fossem examinadas todas as terminações dos fios ligados à parte superior da "régua" do SNI - o terminal telefônico exclusivo do Serviço Nacional de Informações, que fica entre as régua 80 e 82 e é o único que não tem numeração. O objetivo de Wagner Machado era provar



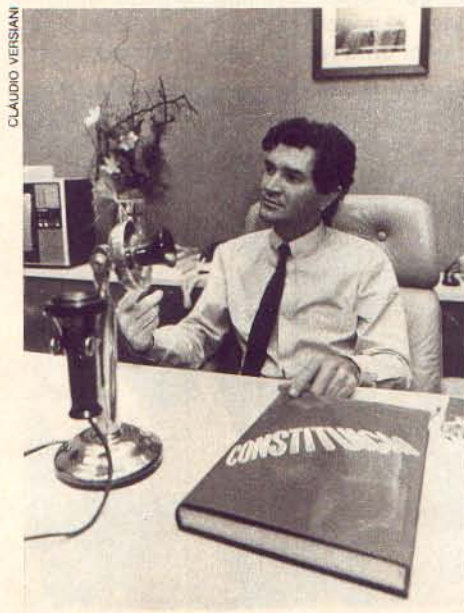
A "régua" do SNI: sem número

que os *jumps* fotografados por ISTOÉ eram de telefones normais do SNI e não se destinavam à escuta telefônica. A régua do SNI, no entanto, composta de 900 pares de fios ao longo de seus 3,6 metros de comprimento, não está *jumpeada* apenas na extremidade superior, mas também na parte inferior - justamente a que foi escolhida pelo repórter Expedito Filho para o exame.

Assim, ISTOÉ constatou, para aparente surpresa de Wagner Machado e de Juran-

dir Cardoso, chefe do Distribuidor Geral, que os *jumps* da parte inferior da régua do SNI estavam conectados no entroncamento de fios da Central Norte que atende os telefones com prefixo 273 e 274 - onde o SNI não possui telefones. Assustados, os dois técnicos não só desistiram de percorrer os fios até o final, como também procuraram mostrar que estavam anexados à parte inferior da régua do SNI 200 pares do bloco terminal da Asa Norte. Não conseguiram explicar, porém, por que essa parte inferior estava carimbada com o selo de "privativo do SNI".

Enquanto esta e outras indagações ficavam sem resposta, novas denúncias chegaram a ISTOÉ sobre tentativas de utilização do grampo pela Nova República. Segundo essas denúncias, em abril de 1985 o presidente da Telemig, a companhia telefônica de Minas Gerais, Paulo Hesslander Couto, foi informado de que uma pessoa havia sido flagrada tentando colocar um grampo nos cabos da empresa. A pessoa se identificou como agente do SNI em Minas cumprindo ordens recebidas da Direção Regional do órgão. Hesslander, então, procurou o chefe do SNI em Minas, general Oliveira Domingues, "devolveu-lhe" o funcionário e fez uma ameaça. Se outro agente fosse pego na mesma situação, seria preso e Hesslander chamaria a polícia e a imprensa. Procurado por ISTOÉ, Hesslander não confirma nem desmente a denúncia. Mas foi claro ao definir sua opinião sobre o assunto: "Só há uma maneira de fazer grampos a partir da Telemig - é me demitindo". ▲



Hesslander: não ao grampo